

**José
Jorge
Letria**

**O Livro
Branco
da Melancolia**

PLURAL

Antologia



**José
Jorge
Letria
O Livro
Branco
da Melancolia**

Antologia

PREFÁCIO
POR YVETTE K. CENTENO

José Jorge Letria escolhe, para este conjunto de poemas, um título bem sedutor, e ao mesmo tempo intrigante. Uma palavra como *Melancolia* carrega um forte peso, na tradição cultural, filosófica, artística.

Do tratado de Robert Burton, *Anatomia da Melancolia*, à célebre gravura de Dürer, passando pelas doutrinas da *nigredo* alquímica, o negro da alma que anuncia um caminho que levará à sublimação das pulsões mais primitivas do inconsciente, muito nos é pedido para chegar ao entendimento da intenção do autor. Que o Livro seja Branco pode ser um indício, pois é do negro ao branco que o processo de transformação se dará.

E que transformação se espera aqui, de um autor consagrado, na escrita destes poemas? Que o reconhecimento de uma fase de maturação já está em curso, que as preferências sociais e culturais estão assumidas, que a narrativa mais íntima e saudosa, evocando a mãe, o pai, a casa da infância e a própria infância, tem um lugar adquirido para sempre, tal como têm lugar os grandes autores, nacionais e estrangeiros que o marcaram,

ESTE SÉCULO

Este século esgotou-se no galope,
cansou-se de ser algarismo, hipótese, imagem,
nauseado de fumo e da vibração das máquinas,
acotovelou as lembranças mais arcaicas
e inquiriu para onde me levam?
Que vereda de aço, que ecrã gigante é este
em que me divido e multiplico?
O século deitou-se a pensar, pesaroso, tenso,
angustiado e disseram-lhe: já os gregos
tinham cura para essas passageiras, inofensivas
interrogações. O século ficou insatisfeito
e calou o que sentia por estar tão próximo
de outro século que podiam chamar-lhe
antiquado ou ressentido. Acocorou-se
como um escriba ou uma tecedeira
e contou pelos dedos as estações e os frutos.

Por ter a idade das dúvidas adiou os livros
e escreveu-se em página de areia, indiferente
à fuga, a eterna fuga do tempo.

A PAZ BRANCA DO AZUL

O grande medo sobrepôs-se à paz branca do azul
e o nome da loucura tornou-se impronunciável
porque pertencia à casa dos livros
onde quase tudo é imaterial e impuro.
Fundia-se a sombra do homem com a dos carvalhos
e das tílias na vizinhança do rio
e o verão demorava-se no cheiro das roupas
com o seu lume intangível a torturar os olhos.
A sua febre era uma música antiga
a acender nos claustros o mais alto dos fogos,
a dar forma ao delírio sobre o verde das colchas,
a esbracejar nos quintais onde a tarde definha.
A doença colava-se às janelas
com o seu hálito morno de azeite e cânfora
e ninguém se atrevia a dizer que luz
iluminava o quarto interior da tristeza dos dias.
Balbuciava um poeta em busca de um nexo
para as ínfimas palavras que serpenteiam
na cabeça dos deuses e tudo o que encontrava
era uma erva rasteira, um murmúrio de vento,
uma espuma na boca, uma areia de lua.
Arquitetava, à revelia dos livros,
uma explicação para o assombro do mundo
e vinham os cães, as flores carnívoras,
os pássaros noturnos e comiam-lhe os olhos
como os séculos costumam fazer à beleza dos mitos.

A ÚLTIMA IDADE DAS CONCHAS

Eu sofro o exílio de Dante em Ravena
porque toda a poesia não passa de um exílio,
de um sorriso molhado pelas lágrimas
que a idade secou, pelo sangue que a infância
bebeu nas feridas do medo e da saudade.
O meu exílio é uma casa cercada de vento,
adormecida pelo sono dos cães, atormentada
pelo veneno das cartas, minada pelo vírus
subcutâneo do tédio. Subo a escada que leva
ao sótão onde a voz se dissimula e é esse
o meu exílio: o da cara a confundir-se
com a velhice dos retratos, com a última
idade das conchas e dos búzios. Não aprendi
nada de cor. Por isso, tudo o que digo
tem que ser inventado a partir de uma célula
ínfima que nenhuma lente alcança. O meu exílio
é um tumulto de manchas a ferir a pele,
é um colapso súbito sobre a calma dos livros.
Chamo e ninguém responde. Chamam-me e já cá
não estou, que a presença de quem se exila
só pode ser a clareira branca desta ausência.

UMA DEFINIÇÃO DE DEUS

O que busca na pedra uma definição de deus
apenas o silêncio da pedra há de encontrar,
o que busca na terra uma definição de homem
somente o desespero da terra há de encontrar,
o que busca no oiro uma definição de eternidade
somente a alucinação de oiro há de encontrar,
o que busca na chuva uma confiança do céu
somente a liquidez da chuva há de encontrar,
o que busca nas nuvens a razão dos pássaros
somente a vacuidade das nuvens há de encontrar.
E no instante em que já nada tiver esperança
de encontrar, descobrirá na boca um novelo de ar
com gosto de terra, um casulo de vento com gosto
de seiva, um tormento de pedra com gosto de chuva
e então dirá como quem ergue uma reza:
somente me perdi em tudo o que busquei,
a filosofia de que sou é um fragmento de lua,
um estilhaço de luz a fender o equilíbrio da visão.

A VOZ DO SANGUE

A minha voz calou-se na tua voz
quando setembro se aninhava no sono das aves
e havia casas iluminadas e círculos brancos
no coração verde das árvores.

Eu sei que o sangue não tem voz
e que, se a tiver, há de ser uma voz comovida,
um sussurro rente ao choro das águas.

A tua voz perdeu-se na minha,
multiplicou-se na tela, fragmentou-se em mim,
deixou-me como legado um ferida
rasgada no centro geométrico da lembrança.

A tua voz ocultou-se nas copas, desmaiada,
como um pássaro febril à espera da morte.

O IMPULSO DO VENTO

Não cabe na prisão das camas
este amor furtivo e tardio
que pede o impulso do vento
para chegar onde a voz não chega.
É um amor macerado pelo medo
que sustenta o tédio dos domingos,
alvoraçado pelos pressentimentos
que os biombos da fala ocultam.
É um amor eriçado nas arestas
de uma arca de guardar silêncios.
Olha-se para ele e é agreste
por ter esquecido a medida da ternura.
Tudo lhe é sacrificado em altares noturnos,
em tronos de névoa, mas de nada serve,
que a sua vocação é sufocante e impura
como a das aves marinhas esfacelando
as asas contra as muralhas altas
em que a tempestade encontra eco.

A EXTREMA COMOÇÃO

Todos os comboios te trazem até mim,
pequena luz do meu desassossego,
num sussurro de promessa inconfessada,
num desafio de pergunta sufocante.
Vais e voltas, audaz e indefesa,
na migração branda de todos os afetos
e é o instinto que me dá do teu nome
o timbre e o tom das revelações que embriagam.
Nunca a distância pôs tão perto
a mão que treme e a tentação do lume.
Vais e voltas e sem que o saibas
é por mim que vens e é por ti que parto,
que o sentimento que sustenta estes dias
é volátil e breve como um pássaro de névoa,
como uma serpente de jade, como um fumo
de ópio num encontro contra o tempo,
contra a pressa com que o tempo se disfarça e aniquila.
Vais e voltas, e é de mim que te apartas
nesse fogo de queres estar não estando,
nessa inquietude de seres gare e cais
quando tudo em ti pede que sejas apenas casa e corpo.
E como eu te imito, te repito e sigo
nesse assombro de acordarmos em nós
o sobressalto da lava que faz do enlace
uma extrema e indefinível comoção.

AVISO AOS FILHOS

Filhos, eu já nada tenho que vos possa prometer,
a não ser a limpa ressonância de um nome
que é tanto vosso como meu.
Eu já não sei de esconderijos
em que possa ocultar-me
enquanto vocês correm atrás do eco
da minha voz sussurrada e distante,
eu já não sei de brinquedos
que vos possam entreter e divertir,
porque esse tempo se escoou há muito,
fio de água por entre os dedos,
carreiro de sílabas por entre os dias.
Filhos, eu comecei subitamente a envelhecer,
que não a envilecer, quando vocês
fizeram um dia as malas e partiram
para tornarem também audível o vosso nome
nos sítios onde um nome ainda conta, ainda vale.
Filhos, eu alerto-vos para os perigos
da selva voraz em redor de nós, e são medonhos.
Aí não há clemência nem brandura,
aí não há perdão nem acalmia,
e toda a vigilância é sempre pouca
quando as feras saltam ao caminho.
Filhos, por favor, contem aos vossos filhos
que eu ainda tive tempo de vos avisar,
tigre ferido pela memória de tudo quanto viu.

O ÚLTIMO A CHEGAR

Marx trabalhou que nem um cão,
convencido de que iria mudar o mundo.
Rimbaud preferiu mudar a vida,
mudando de vida e de continente
e acabando a traficar armas em África,
com uma perna gangrenada
e um desprezo absoluto por tudo
quanto nele fora novidade e assombro.
O meu avô que gostava de touros de morte
sempre me disse que ser poeta
podia ser tudo menos profissão,
enquanto delapidava o património familiar.
Eu gostava de ter tido um irmão a sério,
mas tive apenas uma dolorosa aproximação.
Eu gostava que o meu pai tivesse tido
nas mãos o meu primeiro livro de poemas,
mas ele partiu muito antes, muito cedo,
temendo pelo futuro do filho mais amado.
A vida é feita de contas por saldar,
tal como a poesia quando entra, vacilante,
na roleta russa do jogo da memória.
Quem não corre atrás de nada
bem pode dar-se ao luxo de ser poeta.
E até talvez possa dizer-se:
nesta corrida, o último a chegar,
à falta de melhor, que se faça versejador.

PARA ONDE NEM VERSOS PODEM IR

Em dias como estes, pai, dá-me
para ir conversar contigo, eu sei,
exausto que ando de tudo o que é mesquinho.
Lá ao fundo está o mar
em que tu me ensinaste a distinguir
os cargueiros e os petroleiros,
separando o norte do sul
e o leste do oeste. Marinheiro não fui,
embora mil vezes tenha sentido
a avassaladora tentação do mar.
Poeta sim, que os poetas têm o direito
de desenhar mapas imaginários
onde os outros inventam cidades tristes
com corvos dentro carpindo a mágoa dos vencidos.

Tu estás imóvel, atrás de uma pedra, pai,
mas eu consigo ouvir a tua voz, em nós,
e o silvo do teu assobio chamando os pássaros
e os cães nos primeiros dias de junho.
Quem me dera poder escrever
nesse retângulo frio todas as palavras
que um filho sabe usar
para trazer um pai de volta à vida,
nem que seja para partirem juntos
para onde nem os versos podem ir.

OS MODERNOS ONDE ESTÃO?

Eis a idade vagarosa e múltipla
em que sobra tempo para tudo
por quase já não restar tempo para nada.
Eis a idade inclemente a pavorosa
em que as fontes se confundem com a foz
e em que a festa é um luxo
que o corpo já não tolera.
É aqui que a metafísica
cava as suas fundações, os alicerces
onde os pressentimentos se resguardam.
Quero saber de ti tanto e tão pouco,
hoje com ontem, avidamente,
encontrando em ti a textura do coral
e a consistência enganosa da carne experimentada.
Tudo me equivoca quando te procuro
nas ínfimas coisas como nas imensas,
nas múltiplas verdades tangíveis
como nas mentiras mais secretas.
A boca engole a pétala
que inebria e alucina.
E os modernos onde estão?
Será que se tornaram pós-modernos?
E os pós-modernos tão tóxicos, causa alergia?
E os clássicos, sim os clássicos, onde estão?
Serão eles os únicos modernos que resistem?
Quero saber de ti, de mim, e não há livros,
nem sequer endereços, que me digam
onde estás quando eu não estou.

O LIVRO BRANCO DA MELANCOLIA
Coleção Plural

©Imprensa Nacional-Casa da Moeda
©José Jorge Letria

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e *design* de coleção: André Letria
Revisão: Mário Azevedo

Paginação: Magda M. Coelho
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2768-6
Depósito legal: 453662/19
Código de edição: 1023273
1.ª edição: outubro de 2019

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

José Jorge Letria Poeta, ficcionista, jornalista e autor de uma obra traduzida em mais de 10 países, José Jorge Letria nasceu em Cascais, onde foi vereador da Cultura durante oito anos. Autor de muitas canções da resistência, foi agraciado com a Ordem da Liberdade em 1997. É presidente da Sociedade Portuguesa de Autores e do Grupo Europeu de Sociedades de Autores, em Bruxelas. Autor de programas de rádio e televisão, de peças de teatro e de dezenas de livros para os mais novos, foi várias vezes premiado em Portugal e no estrangeiro. É doutorado em Ciências da Comunicação pelo ISCTE. *O Livro Branco da Melancolia* reúne, propositadamente de forma contínua e irreferencial, os mais significativos poemas de sua autoria.

N

I
M
P
R
E
N
S
A

N
A
C
I
O
N
A
L

COLEÇÃO PLURAL POESIA

ISBN 978-972-27-2768-6
9 789722 727686

